

A LITERATURA AFRO-FANTÁSTICA ENQUANTO LUGAR DE SER LITERATURA AFRO-FANTÁSTICA: CONSTITUIÇÃO DE UM GÊNERO LITERÁRIO

AFRO-FANTASTIC LITERATURE AS A PLACE OF BEING AFRO-FANTASTIC LITERATURE: CONSTITUTION OF A LITERARY GENRE

Antonio Marcos dos Santos Cajé

Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

marcoscaje8@gmail.com

4

Resumo: O estudo pretende trazer algumas reflexões sobre o ato de pensar na literatura Afro-fantástica como importância de sua condição de lugares, compreendendo um novo panorama relevante nas concepções plurais: filosóficas: metafísicas, historiográficas. Metodologia de abordagem qualitativa e bibliográfica. A relevância deste artigo se associa com a importância de se discutir a questão do corpo negro dentro da literatura do realismo fantástico, indagando: quais contribuições e implicações a literatura Afro-fantástica referem ao negro e negra. O percurso aqui traçado pela literatura Afro-fantástica, para a abordagem do gênero, dá-se pelo entendimento dialético do real e do ficcional, uma vez que o termo nesse universo é fortalecer o persona negro como fonte viva de pertencimento, seja pela imaginação e criação ou pela interação social e histórica, sejam eles no abito cultural, social e étnico-racial. O artigo terá como princípio da discussão literária a cultura nagô.

Palavras-chave: Literatura. Afro-fantástico. Cultura.

Abstract: The paper intends to bring some reflections on the act of thinking about Afro-fantastic literature as the importance of its condition of places, comprising a new relevant panorama in the plural conceptions: philosophical: metaphysical, historiographical. Qualitative and bibliographic approach methodology. The relevance of this article is associated with the importance of discussing the issue of the black body within the literature of fantastic realism, asking: what contributions and implications does Afro-Fantastic literature refer to black men and women. The path traced here by Afro-fantastic literature, for the approach of the genre, is given by the dialectical understanding of the real and the fictional, since the term in this universe is to strengthen the black persona as a living source of belonging, whether through imagination and creation or by social and historical interaction., whether in the cultural, social and ethnic-racial environment. The paper will have as its principle of literary discussion the Nagô culture.

Keywords: Literature. Afro-fantastic. Culture.

Considerações iniciais

Como construir uma literatura afro-fantástica sem precisar edificar em paradigmas conceituais, comparando com a literatura do realismo fantástico, principalmente a literatura fantástica eurocêntrica? Qual lugar desta literatura afro-
v. 12, n. 1

Building the way

fantástica em uma sociedade extremamente racista? De acordo com uma pesquisa publicada no livro “Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado” de Regina Dalcastagné, 93,8% dos autores publicados em 2012 eram brancos, e 72% eram do sexo masculino. Diante dessas estatísticas que a literatura afro-fantástica, possibilitará uma equidade ao leitor.

O primeiro aspecto sobre a ideia da literatura afro-fantástica é interdisciplinaridade que essas narrativas carregam, fazendo assim o crescimento da exposição cultural do povo negro e seus pensamentos filosóficos e metafísicos africanos.

A literatura fantástica é presente desde sempre pela oralidade ou pela escrita, como diz Nelly Novaes Coelho:

Na infância da humanidade, quando os fenômenos da vida natural e as causas e princípios das coisas eram inexplicáveis pela lógica, o pensamento mágico ou mítico dominava. Ele está presente na imaginação que criou a primeira literatura: a dos mitos, lendas, sagas, cantos, rituais, contos maravilhosos, novelas de cavalaria, etc. (COELHO, 1984, p. 32)

Sendo assim, a literatura fantástica vem acompanhando todos os cursos das vidas humanas, no entanto essa literatura em sua filosofia circula um movimento constitutivo, um sistema dinâmico, em que as características do real com o irreal (a fantasia) vão participando da evolução social. Esse espaço de expressão e de interlocução ocupa para o povo negro um lugar de existência, um lugar do axé. A literatura afro-fantástica é uma escrita que comunga com a oralidade, é o aspecto primordial desse conceito, diante dessa oralidade que o imaginário da cultura nagô se fortalece na força do axé. Como diz Juana Elbein:

Os òrisà, força ou entidades sobrenaturais, princípios simbólicos regulares dos fenômenos cósmicos, sociais e individuais são incorporados, conhecidos, vividos através das experiências da possessão. Todo o sistema religioso, sua teogonia e mitologia, é revivido através da possessão das sacerdotisas. Cada participante é o protagonista de uma atividade ritual durante a qual o mundo histórico, psicológico, étnico e cósmico nagô se reatualiza. (SANTOS, 2012 p. 46)

Assim é a literatura afro-fantástica, lugar onde o protagonismo negro se revive com sua ancestralidade com seus sistemas dinâmicos sociais e mitológicos.

Building the way

Esses percursos traçados até aqui são para conjecturar a importância dessas narrativas imaginárias e ficcionais, sendo trajetórias de abordagem, assemelham-se à própria constituição do gênero em questão, que ganha forma no embate indissolúvel entre real e irreal, razão e imaginação, dois mundos que se mostram com fronteiras difusas anunciadas.

6

Literatura afro-fantástica enquanto lugar de ser

Deslocar, descentrar, desconstruir – essa é vitalidade que a literatura negra Afro-fantástica, se reiterar e proclamar a existência e a potência do persona negro, fazendo a viabilidade desse ser negro, enquanto ente, não ser aniquilada, sim resplandecente. Neste lugar de ser, a identidade do homem negro e da mulher negra é composta não apenas de uma única identidade de existência, mas de várias identidades de ser. É nessa perspectiva que vão sendo moldadas as identidades, unificadas para serem fragmentado em ancestralidade. Esse lugar de ser torna-se uma contradição. Funciona como elemento de presentificação dos contrários e exaltação da duplicidade no espaço, isto é, no discurso e no sujeito, a partir dessas indicações, esse lugar de ser do ser negro e negra deve focalizar os aspectos do sistema cultural do negro brasileiro. Reitero que esse artigo fomenta como opção pelo desenvolvimento cultural, principiando pelas vertentes tanto da realidade empíricas, como da ficção, proporcionando, a esse lugar de ser do corpo negro nessa literatura, paradigmas ideológicos e aspectos culturais, compreensão de um novo movimento literário da fantasia, onde o lugar de ser NEGRO e NEGRA é valor simbólico de si mesmo. Nesse parâmetro, é a representação cultural negra como um sistema de comunicação e expressão.

No fantástico, da literatura afro-fantástica temos um espaço de encruzilhadas, uns discursos característicos de diferentes níveis de existência, natural e sobrenatural, sendo ambos fragmentados na construção dos princípios negros culturais diaspóricos África-Brasil. O Dr. Eduardo Oliveira afirma:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já-dado. O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina: ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento.

Building the way

Como tal, o encantamento é uma atitude diante do mundo. (OLIVEIRA, 2007, p. 233)

7

A partir dessas indicações, a literatura Afro-fantástica possibilita ver e sentir o mundo pelo olhar do encantado, na qual podemos criar e re-criar mundos, reformulando elementos específicos do sistema ideológicos, em que podemos interpretar, ressignificar e constituir esses mundos pelo apresentar da literatura afro-fantástica, sendo um intercâmbio de sistemas culturais nas quais os lugares de ser Negro e Negra, se apresenta e se interrelaciona com o mundo dos encantamentos e do mundo real.

Portanto, a literatura Afro-fantástica configura-se como um lugar de ser, uma vez que se constrói ao lado das relações dialéticas, estabelecendo interlocução entre os contrários (real e irreal), que se expressa a partir das suas diferenças. Nesse sentido, há um fortalecimento desse lugar de ser, no qual a coexistência dos contrários aponta como um lugar adequado, em que os diálogos do ser negro e negra como sujeito se relativizam com eles e com o mundo, fazendo de suas realidades e a sua existência um modo de deslocar-se para outro mundo, que é o irreal, ou a ficção, criando assim um mundo encantado, um mundo de possibilidades, de contradições, especulações, dúvidas. Esse lugar de ser do persona negro e negra dentro da literatura afro-fantástica se constrói diante de mundos que se mesclam, a fim de propor um diálogo com o sistema social e cultural negro.

Princípio dinâmico da literatura afro-fantástica

Em um mito ioruba de Exu, certa feita:

Exu pintou-se metade do corpo de vermelho e a outra metade de preto. E saiu pela rua e avistou dois amigos conversando e foi em direção deles, e disse: aquele que soubesse dizer qual era a sua cor ganharia uma incrível recompensa. Os dois acharam muito fácil, mas cada um só estava vendo uma metade do corpo de Exu. E discordaram tanto que acabaram brigando. Nisso, Exu riu muito e disse: vocês não saberão como realmente eu sou se não derem a volta em torno de mim. (Santos, 2003, p. 131)

Exu é assim. Voltas, possibilidades. Caminhos. Esse mito é uma narrativa oral que, hoje, em pleno século XXI, podemos encontrar em diversos livros impressos

Building the way

como, por exemplo, de Mestre Didi que ressignificou e transformou esse mito em um conto no livro “Contos Negros da Bahia e contos de Nagô”, de 2003, pela editora Corrupio. O conto chama-se “A Tentação de Exu”.

Exu, no panteão cultural Nagô, é a divindade, que está em tudo. É aquele que foi ontem para ser o que foi hoje e o que foi no passado. É aquele que mata no presente pássaro com a pedra que jogou no passado. Exu é assim: princípio dinâmico da cosmovisão iorubana. Assim como muitos mitos que retrata de Exu, podemos construir diante da Divindade de Exu um sistema filosófico e ético. Ninguém está alheio a Exu: dos seres humanos aos animais, as plantas e águas e até as estrelas intergalácticas – estamos banhados de Exu.

Assim como em muitas civilizações que hoje compõem o mundo atual, a ideia de mito dos povos primitivos foi transformando-se no percorrer da história em um espírito religioso inato ao ser humano e nas civilizações africanas. Principalmente na iorubá, as revelações divinas foram feitas por intermédio da natureza. Os primeiros Deuses ou Orixás vieram do seu contato com as forças naturais. Eles e elas tiveram Oxum das águas doces da mãe fértil; Nana, a anciã da terra que acolhe; Iroco, a força do tempo; em força de árvore tiveram e tem Ogun, da força da montanha repleta de metal e minério. Tiveram e têm os Orixás nos mistérios do dia e da noite. A revelação do divino foi apresentada com o mais Belo. Assim, veio a natureza e, adiante, a beleza da interpretação do pensamento humano. Nesse sentido, está a força mais grandiosa do povo preto, a força e eternidade ancestral dos Orixás que transita entre a oralidade e o sagrado, entre os contos e os mitos, entre as lendas. E hoje na literatura afro-fantástica.

Diante dos mitos, princípios dinâmicos da história, foi através dos mitos que o sujeito, criou a primeira forma de diálogo a natureza e com o sistema social e historiográfico. E foi através dos mitos que podemos propiciar um diálogo com nosso eu cultural com o eu social, fazendo assim surgir um mecanismo literário oral e hoje uma literatura ampla (seja virtual ou impressa).

É sabido que os mitos, a fábula, no seu sentido mais peculiar, é o conto ou narração fantástica na qual um ou vários Deuses ou Orixás, heróis, Iyami, Oráculos, heróis têm um papel essencial na cultura, mantendo símbolos, elementos tradicionais vivos. Além de preservar os mais intangíveis movimentos orais e culturais de cada etnia africana. Os mitos são as mais variantes no acréscimo, é movimento circular da

Building the way

narrativa. É nessa narrativa que podemos deslumbrar com a ideia da imortalidade, de sermos uma cultura imortal.

É nesta perspectiva que a literatura Afro-fantástica se principia nas narrativas mitológicas para compreender a civilização negro e negra, conhecendo seu lugar de ser, proporcionando o conhecer da cultura africana (principalmente nagô). Clamar os mitos africanos para compreender a literatura afro-fantástica, é dar um passeio através do tempo e espaço. É necessário esse tempo para ingressamos aos variados hábitos civilizatórios dos homens e mulheres negras e negros. Os mitos são livres dos dogmas e ritos, assim como a literatura afro-fantástica. Ela aponta o mito como uma ferramenta de compreensão civilizatória de reconhecer o lugar do povo preto como propulsor de uma literatura fortificada de ancestralidade e saberes. É importante e fundamental o contato, seja ele irracional com o mito ou real, a fim de manter um relato historiográfico ressaltado, com as tradições e maravilhas que os mitos africanos possibilitam à comunidade até hoje.

A literatura Afro-fantástica propicia um diálogo entre o sujeito e o outro, ambos dentro de um sistema de comunicação por meio dos símbolos e signos e costumes das etnias culturais, fazendo assim a literatura, seja ela, oral ou escrita fundamental para formação do sujeito negro e negra que amplia para esfera artística. Nessa manifestação, o lugar de ser negro tornar-se um lugar de resistência e existência, pois é diante dos princípios dinâmicos da literatura afro-fantástica que podemos abordar e questionar as afirmações políticas sociais desse corpo negro, focalizando a importância de se conhecer suas ancestralidades e história. A literatura afro-fantástica não se desvincula totalmente da realidade, pelo contrário, a realidade é uma ferramenta para criação do mundo encantado e ficcional e caminhando junto com a evolução do homem negro e da mulher negra, que se infere nas organizações sociais, sendo criador e ao mesmo tempo criação.

Podemos citar variadas literaturas afro-fantásticas que utilizam como princípio norteador a mitologia africana para divulgar a cultura e simbolismo e costumes como: no livro “Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo”, de Reginaldo Prandi, escritor brasileiro. Trata-se de um livro infanto-juvenil que abarca uma gama de referências historiográficas e mitológicas da cultura lorubana. O escritor cria um universo literário, demonstrando que o místico e o sagrado compactuam com o real, fazendo assim a narrativa surge variados elementos de suspense e emoção.

Building the way

É importante, nesse contexto, citar a escritora Nnedi Okorafor. Nascida nos Estados Unidos, seus pais são imigrantes e tem origem nigeriana – Igbo. Seu livro “Bruxa Akata” cria um universo nos princípios mitológicos de várias etnias (ioruba e Igbo). O escrito produz um ambiente sobrenatural, com um meio social, repleto de desigualdades sociais e preconceitos. A autora, fantasticamente, cria um universo coeso, consegue desenvolver uma linguagem, pensamentos e memórias racionais com fatos sobrenaturais, fazendo esse universo afro-fantástico perceptivo onde o lugar do corpo negro em potência. (OKORAFOR, 2018)

É importante mencionar também escritora norte-americana N. K. Jemisin. Sua escrita com característica de ficção especulativa explora uma variedade de temas como opressão, conflitos culturais e racismo. Na trilogia “Terra partida”, a escritora cria um universo literário afro-fantástico distópico, em um mundo devastado, sendo a magia uma ferramenta de medo. Os seres de pedra possuem vidas e inteligência cognitiva e poderes mágicos. A sociedade é caótica e repleto de desigualdade social. Essa construção de N. K. Jemisin (2017) é uma literatura afro-fantástica onusta de referência ao que estamos em discussão, pois nessa escrita o corpo negro é protagonismo essencial e condutor desta narrativa.

Outra compreensão da literatura Afro-fantástica é construção cognitiva acerca das narrativas populares folclóricas, sendo utilizados personagens de nossas narrativas como saci-pererê, a cuca, curupira e outros. O escritor D. De Souza nascido em Minas Gerais, esportista escreveu o livro Terrabônia a Libertação, o qual trata de universo magnético e incrível, dialogando com nosso mundo atual e com um mundo paralelo repleto de magia e personagens do imaginário folclórico brasileiro. Sua narrativa não fica somente no mundo da magia, D. de Souza traz problematizações familiares, além de explicar de maneira pedagógica temas importantes como cisgênero e transgênero que são tipos de identidades de gênero, ou seja, são formas como as pessoas identificam-se. O que podemos dizer que a literatura afro-fantástica é uma literatura de movimento, um gênero literário que coloca o negro e a negra em um contexto positivo, sendo protagonistas de suas próprias existências.

Constituição de um gênero literário

Primeiramente, devemos compreender que a literatura afro-fantástica se principia nas águas literárias dos contos, da oralidade, da mitologia e da filosofia. Como forma pedagógica, podemos especificar que essa literatura tem em seus textos uma finalidade e uma função – arte – com o objetivo de abranger variados significados das relações humanas pelos meios éticos e morais, além de socialização, buscando coesão social e políticas afirmativas.

Podemos citar o livro publicado pela editora Ereginga Educação, “Tunde e as aves misteriosas”, da escritora Ana Fátima. Oriunda de Salvador Bahia, é professora, pesquisadora, poeta e mãe. A narrativa desse livro traz uma relação do sujeito com seu lugar de ser com o outro. Nesse espaço de entre-lugar do personagem negro, temos um movimento de existências (polos contrários – o real e o irreal), porém possui um lugar de ser consistente e coeso, em que a narrativa movimenta o natural e sobrenatural. A escritora nessa obra aborda uma estrutura social e afetiva, inserindo, nesse contexto, o mundo encantado da cultura iorubana, onde os mistérios fazem parte da memória e do existir dentro de uma ancestralidade pulsante. (SANTOS, 2020)

Outro escritor que podemos citar como um escritor que utilizou das narrativas afro-fantásticas e das vivências diárias do povo preto é Mestre Didi, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, nascido em 02 de dezembro de 1917. Sua mãe, Maria Bibiana do Espírito Santo — a Mãe Senhora, substituiu a sua antecessora Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha — Iyá Obá n’ilê Opô Afonjá. Seu pai, Arsênio dos Santos, era alfaiate. Após cinco gerações, continua a linhagem dos Axiapá — uma das sete famílias fundadoras da cidade de Ketu, na Nigéria, descendente de Rei e de grandes caçadores e desbravadores das nações de Oió e Ketu. Através da força oral, Mestre Didi escreveu seus livros sobre contos, sobre Orixás, sobre cultura nagô. Além da escrita, ele se tornou um grande artista plástico, seu axé se refletiu em suas mãos de exímio artista que, com talento, construiu magníficas obras de arte as quais retratam a religiosidade e a essência cultural da nação nagô.

Mestre Didi, em alguns dos seus contos, ilustra narrativas místicas, entrelaçados com acontecimentos históricos, marcando assim uma narrativa afro-fantástica repleta de saberes ancestrais, além de significados diversos, com a

Building the way

intenção de apresentar ensinamentos sociais da cultura iorubana. O autor integra em suas narrativas características axiológicas do povo de terreiro. Esse vínculo com a comunidade negra transcritos da oralidade para a escrita impressa representa a semântica dos valores simbólicos da cultura negro-brasileira.

Na análise de Marco Aurélio Luz:

12

Todavia, se por um lado os contos mantem o significado negro, uma vez escritos e impressos, eles fogem à sua articulação significativa. É nesse ponto que os contos são crioulos, isto é, já não visam somente à reprodução interna do sistema simbólico nagô, senão a sua integração com outro sistema que se comunica basicamente através da escrita. Embora a narrativa possa ser chamada de oral, essa oralidade está mumificada, como diz Juana E. dos Santos. Ela não mais exige presença do outro, a “comunicação interpessoal, interdinâmica e grupal” com suas sobre-determinações simbólicas complexas que caracterizam a troca de mensagens próprias do sistema nagô e permitem sua dinâmica institucional. (LUZ, 2011, p. 97)

Podemos dizer que a literatura de Mestre Didi é o significado da diversidade literária, é uma literatura composta de contexto simbólicos, representando a literatura negro-brasileira. Ele foi um grande contador de Itans fantásticas. Em seus contos, o Mestre ambienta de forma espetacular esse universo místico com maestria.

As narrativas dos contos de Mestre Didi, no aspecto da literatura negro-brasileira Afro-fantástica, possuem um elemento primordial que é o acervo de memória da cultura nagô. Podemos perceber esse aspecto com este conto:

O Filho de Oxalá que chamava Dinheiro.

Há muitos anos passados, Oxalá teve um filho conhecido por Dinheiro, muito presunçoso e arrogante, a ponto de dizer a Oxalá, seu pai e rei, na presença de várias pessoas, que era tão poderoso quanto ele, pois era acostumado a andar com Iku a Morte leva-la para qualquer lugar. Para dar prova disto, um dia ele saiu pensando como poderia trazer presa de qualquer forma a Morte, conforme tinha dito a Oxalá, na presença de todos do reinado. Nisto, ocorreu-lhe a ideia de deitar-se em uma encruzilhada. Dito e feito, logo que encontrou uma, deitou-se nela, ficando quieto, aguardando o que poderia acontecer.

As pessoas que passavam pela estrada e se deparavam com ele deitado ali na encruzilhada diziam: — Chi! Como está aquele homem deitado ali, com a cabeça para a casa da Morte, os pés para a porta da moléstia e os lados para o lugar da desavença.

Depois de ditas estas palavras pelas pessoas que por ali passavam, e que ele se achou sozinho, levantou-se e disse: — Então, “de ironia”, já sei tudo o que era preciso saber e conhecer; estou com os meus planos já feitos.

Building the way

E lá se foi ele direitinho para a casa da Morte. Chegando na chácara dela, começou a bater nos tambores funestos de que a Morte fazia uso, quando queria matar as pessoas indicadas. Assim, ele, que já estava de posse de uma rede que tinha conseguido no caminho, ficou preparado, aguardando que a Morte viesse a ele para reclamar. Dito e feito, Morte, ouvindo os sons dos tambores, chegou bastante apressada, a fim de saber quem estava tocando.

O homem Dinheiro envolveu-se na rede e levou-a ao maioral Oxalá, dizendo estas palavras. — Aqui está a Morte que prometi trazer em pessoa à vossa presença. Oxalá respondeu: — Vai-te embora com a Morte e tudo de melhor que possa levar do mundo, pois tu és o causador de tudo de bem e de mal. Suma-se daqui! Leve-a e pode passar a conquistar todo o universo.

Por este motivo é que, por causa do dinheiro, todas as qualidades de crimes tem sido e continuam a ser praticadas. (SANTOS, 2003, p. 31).

Nessa perspectiva, analisamos valores éticos que representam a concepção da cultura filosofia nagô bastante diversos da visão europeia, pois o dinheiro, em alguns países africanos, assim como na Nigéria e Benin, eram búzios que, além da ideia de comprar e de riqueza, representavam a ancestralidade. O búzio está presente nas roupas dos Orixás e simboliza adereços de fertilidade. O conto relata o desafio do novo com o mais velho. A busca do dinheiro consegue superar os princípios éticos que cada humano possui, ou seja, o dinheiro acima das relações sociais. O dinheiro, no conto, demonstra a importância de si mesmo como onipotente, querendo superar até seu criador. No caso da narrativa, seu pai Oxalá, no mundo real, o “dinheiro” toma por si mesmo essas características. Na verdade, o indivíduo que se apodera. O dinheiro é simplesmente uma ferramenta de uma sociedade capitalista.

Outro elemento que podemos abordar no conto é a ideia da encruzilhada como eixo central para o Dinheiro encontrar a Morte. A cultura Nagô, assim como a Banto e Jeje, encontra na encruzilhada possibilidades variadas. Esses encontros de caminhos na encruzilhada estão muito mais além da singularidade assentada em princípios absolutistas do que em contexto de relatividade. A encruzilhada é princípio dinâmico, é um território que não sofre a ação de uma razão de monoblocos. É na encruzilhada que os mistérios dançam, que o vazio se torna repleto de força, ocupando toda sua dimensão e conectando possibilidades. É importante analisar o conto de Mestre Didi com olhares através da ancestralidade, como diz Eduardo Oliveira:

A ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a

Building the way

verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência. (OLIVEIRA, 2007, p. 245)

É neste aspecto que a ancestralidade nos ensina, e os contos do Alapini são mecanismos de aprendizagem da cultura nagô e da sua história.

14

O universo visível é concebido e sentido como sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento. No interior dessa vasta unidade cósmica tudo se liga, tudo é solidário, e o comportamento de homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o cerca (mundo mineral, vegetal, animal e a sociedade humana) será objeto de uma regulamentação ritual muito precisa cuja forma pode variar segundo as etnias ou religiões. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 186)

A citação acima dialoga constitutivamente com os contos de Mestre Didi, com sua literatura e com sua vida de maneira simbólica, seja através dos mitos nagôs ou dos contos de procedência da adivinhação dos Orixás. Muitos desses contos aproximam o Àsé (energia que dinamiza todo universo do Òrun e do Àiyé), interligando o homem e a mulher aos Orixás. É nessa partida epistemológica e abissal que as narrativas dos contos se tornam uma fonte oral e escrita do sagrado, dos costumes e das tradições da cultura nagô, surgindo assim uma literatura afro-fantástica que conduz com maestria a literatura oral. Dessa maneira, essa torna-se fonte daquela.

Como diz Juana Elbein:

A característica mais importante do oral no sistema nagô é que o som, a palavra, é atuante. A palavra é atuante porque mobiliza. A forma adequada, pronunciada no momento preciso, induz a ação. A invocação se apoia no poder dinâmico do som. Os textos ritualísticos estão investidos desse poder. Recitados, cantados, acompanhados ou não de instrumentos musicais, eles transmitem um poder de ação, eles mobilizam seja a atividade ritualística, como as relações do indivíduo ou do grupo com sua constelação de objetos internos e externos. A expressão oral está a serviço e é o resultado da própria estrutura do sistema nagô. Os textos são transmitidos sempre ao nível de relações interpessoais concretas. (SANTOS, 2004 *apud* DIDI, 2004, p. 32)

A citação acima da Dr^a. Juana Elbein demonstra que, seja pela oralidade ou pela escrita, o conto na sua estrutura dinâmica desenvolve um mecanismo peculiar que é a comunicação, não simplesmente pela narrativa, uma vez que os contos afro-brasileiros de Mestre Didi possuem muito mais do que a estrutura do narrador e do

Building the way

ouvinte. Esses contos possuem um acervo histórico e um compilado de informações, ações e fundamentos epistemológicos, os quais estão na língua nagô que aparecem inúmeras vezes nos contos; na transmissão dos conhecimentos simbólicos; nos ritos; na tradição e nos relatos históricos. Dessa forma, esses contos são fontes guardiãs da memória do povo nagô.

Considerações finais

O fantástico, na narração, surge através do diálogo do sujeito com suas narrativas orais, mitológicas, crenças, filosóficas. A literatura Afro-fantástica coloca o sujeito negro e negra em uma narração sociocultural, criando formas de inteligência que apontam faculdade do natural e do sobrenatural; do senso comum e do senso crítico. Surge, diante disso, a filosofia que dá suporte a suas certezas metafísicas e ético-morais, coordenando os confrontos dos sujeitos com os elementos impostos pela civilização.

A literatura Afro-fantástica traz consigo a presença da força ancestral. Carrega nos corpos negros e negras o poder sobrenatural e natural que rege o mundo civilizatório. O Afro-fantástico, contudo, é um gênero do movimento de ser e reexistir, os personas negros não hesitam diante do sobrenatural, não ocorre um adiamento de juízo para explicá-lo, se convive com ele.

O percurso aqui traçado pela literatura afro-fantástica, para a abordagem do gênero, dá-se pelo entendimento dialético do real e do ficcional, uma vez que o termo nesse universo é fortalecer o persona negro como fonte viva de pertencimento, seja pela imaginação e criação ou pela interação social e histórica. Esse caminho de abordagem, enquanto movimento literário, constitui do gênero em questão, que ganha forma no embate indissolúvel entre real e irreal, criando dois mundos. Essa literatura coloca o persona negro em um lugar de ser, para ser, para existir como ser, e enquanto ente.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron, 1984.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um Território Contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.

Building the way

DIDI, Mestre. *Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: Àkójopòl̀tàn Àtenudénuíran Omo Odùduwànil̀lè Bahia (Brasil)`. Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.*

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano. *Contos negros da Bahia e contos de Nagô`. Salvador: Corrupio, 2003.*

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição Viva. In: KI-ZERBO. *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África`. Brasília: Coleção da Unesco, 2010.*

JEMISIN, N.K. *A quinta Estação`. São Paulo. Editora Morro Branco, 2017.*

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque`. Salvador: EDUFBA, 2011.*

OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira`. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.*

OKORAFOR, Nnedi. *Bruxa Akata`. Rio de Janeiro. Galera Record, 2018.*

PRANDI, Reginaldo. *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo`. Reginaldo Prandi; ilustrações de Joana Lira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.*

SANTOS, ANA F. *Tunde: e a aves misteriosas`. Salvador. Ereginga Educação. 2020.*

SANTOS, J. Elbein dos. *Os Nagôs e a Morte`. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.*

SOUZA, De D. *Terrabórnia: a libertação`. Belo Horizonte. Publicação independente. 2019.*